



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JORGE LUÍS DA SILVA BRUM [PINGA]**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-569

**Entrevistado:** Jorge Luís da Silva Brum [Pinga]

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Estádio Beira-Rio, Porto Alegre

**Entrevistador:** Gustavo Bernardi e Christiane Garcia Macedo

**Data da entrevista:** 25/06/15

**Transcrição:** Gustavo Bernardi

**Copidesque:** Natália Bender

**Pesquisa:** Natália Bender e Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 31 minutos e 56 segundos.

**Páginas Digitadas:** 12 páginas.

### **Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do CEME.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no esporte; Influência dentro do futebol; Formação no Sport Clube Internacional; Rotina de treinos antes dos Jogos Olímpicos de Los Angeles; Momento em passou a atuar no time principal; Competições antes dos Jogos Olímpicos; Situação do Internacional ao ter seu time convocado para os Jogos Olímpicos; Dificuldades por estar fora do eixo Rio-São Paulo; Convocação para compor a seleção olímpica; Preparação para os Jogos; Experiência e participação nos Jogos; Instalações, infraestrutura e segurança dos Jogos; Locais das competições; Organização diferenciada do evento; A repercussão dos jogos na sua carreira; A repercussão dos jogos para o Rio Grande do Sul; Carreira após os Jogos Olímpicos.

Porto Alegre, 25 de junho de 2015. Entrevista com Jorge Luís da Silva Brum a cargo dos pesquisadores Christiane Macedo e Gustavo Bernardi para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

G.B – Bom Pinga como foi a sua inserção no esporte? Você praticou algum outro esporte? Quais e quem eram as suas influências?

J.B – Ah nunca tive oportunidade de praticar outro esporte, eu tinha uma admiração muito grande aos atletas do voleibol, mas em função de estatura não tive essa condição de ser um atleta do voleibol. Então como eu tinha uma habilidade, agilidade um pouco diferenciada eu passei a me destacar na escola com futebol nos períodos de educação física, a gente percebia que tinha uma facilidade maior de lidar com a bola e passou a me atrair o futebol. E aos sete anos de idade já fui fazer meu primeiro teste na escolinha do Internacional<sup>1</sup> e a partir dos sete até os dezenove anos eu participei de todas as categorias de base do Internacional. A minha formação como atleta de futebol ela foi feita somente no Internacional e eu tive essa condição de jogar como profissional até os vinte nove anos aqui dentro do Internacional. Se alguém influenciou a jogar futebol? O meu pai. Ele foi também atleta profissional, jogador de futebol profissional aqui no Internacional na década de 1950 e através dele que a gente teve essa vontade também de ser e dar seguimento dentro da família, de ser mais um atleta profissional.

G.B – Bom, eu sei que tu já citaste ali que tu começou com sete anos no Internacional e desse momento dos sete até tu virar um profissional, eu queria que tu contasse mais um pouco como é que foi e quando é que tu despontou para o futebol nacional?

J.B – A gente começou a aparecer na realidade dentro do cenário nacional dentro das competições que o futebol amador até hoje proporciona aos clubes. Eu participei de Copa São Paulo de Futebol, campeonatos municipais aqui, seleção gaúcha no qual a gente defendia o Rio Grande do Sul em campeonatos brasileiro sub 20, sub 17 e já novo na base do Inter, eu já tive essa condição de ir despontando no cenário nacional até me tornar um profissional. Ai a gente tem agenda, o calendário é praticamente formado de competições nacionais.

G.B – E vamos falar um pouco mais disso, qual era a sua rotina de treino antes de ter sido convocado para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984.

J.B – É uma rotina normal dentro da programação que o treinador e preparador físico faziam, naquela época no início de pré-temporada a gente treinava em três turnos, seriam dois turnos na parte da manhã e um turno no período da tarde. Hoje essa preparação já é diferente. A preparação Física atualmente no futebol ela está bem diferenciada daquela que existia na época em que eu jogava, então, era normal a gente concentrar claro aqui dentro do Beira-Rio dentro dessa concentração trabalharmos em dois turnos até o início das competições.

C.M – Nessa época vocês do time do Inter já eram profissionais, recebiam um bom salário, era parecido com hoje essa questão salarial?

J.B – Não, não. Naquela época o salário que a gente poderia dizer que era um bom salário o jogador tinha que ser de nível de seleção brasileira ou esse jogador teria que ser contratado de outro clube ou vir de fora do país porque ele ganhava em dólar. Então nesse período em que eu cheguei ao profissional do Internacional pra você ganhar vinte mil, trinta mil reais você tinha que ser um jogador de ponta, então, a gente comparando a questão financeira da época em que eu era profissional com a de hoje tem uma diferença muito grande.

C.M – E você lembra quando foi que você virou profissional ou seu primeiro jogo, o primeiro campeonato que você jogou como profissional já recebendo?

J.B – Foi o campeonato gaúcho, no qual eu era reserva e fui promovido da categoria júnior para o profissional e, nessa promoção, o Internacional estava disputando um campeonato gaúcho. Como eu fui um jogador formado na base, recém tinha saído das categorias de base do Inter, fui transferido do júnior para o profissional. Eu participei de muitos jogos do banco de reserva entrava em alguns jogos, outros jogos não e a minha estreia no campeonato nacional foi em Goiás: Inter e Goiás, eu entrei no segundo tempo no qual

---

<sup>1</sup> Sport Clube Internacional.

nosso time estava ganhando, então, foi uma partida que marcou muito porque eu com apenas dezoito anos estava estreando no profissional do Internacional. É uma partida que jamais eu vou esquecer.

G.B – Pinga gostaria que tu falasse um pouco das competições que tu competiu ou ganhou antes de ter ido aos Jogos Olímpicos. E como estava o Internacional antes de ter ido o time base dos Jogos Olímpicos?

J.B – Até as Olimpíadas a gente participava normalmente de Campeonato Gaúcho, da Copa do Brasil e de algumas competições. E, quando a gente saía um pouco antes das finais de Campeonato Brasileiro ou de alguma competição nacional para que a gente seguisse um calendário até o final do ano, até as férias a gente participava de algumas competições, amistosos, viagens pelo país, pelo nosso interior e até mesmo fora do país. E até a gente ser convocado pela primeira vez a participar de uma preparação olímpica não foi diferente de uma rotina normal de competições nacionais e regionais.

C.M – E o Inter estava entre os primeiros. Ele estava disputando título essa época?

J.B – Sim para o campeonato gaúcho a gente estava, vinha de anos anteriores sendo campeão; a gente foi campeão no último campeonato estava liderando o campeonato em 1984 e, infelizmente, nós perdemos esse título para o nosso maior rival e não tive essa condição de ser campeão gaúcho em 1984 e também no campeonato nacional. Eu me lembro que a gente terminou entre oitavo ou nono lugar do Campeonato Brasileiro, então, o Inter não estava muito bem dentro da competição, mas pelas campanhas dos anos anteriores ele estava em primeiro lugar no ranking nacional, então foi esse um dos motivos que a CBF<sup>2</sup> convidou o Internacional para representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de Los Angeles.

G.B – Pinga, em algum momento tu sentiu dificuldade por estar fora do eixo Rio-São Paulo?

---

<sup>2</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

J.B – Não porque eu não tive a oportunidade de jogar, de participar num clube paulista ou carioca. Minha formação, como ela foi feita aqui no Rio Grande do Sul dentro do Internacional, então eu não tive essa condição de comparação entre Rio Grande do Sul, São Paulo e o Rio de Janeiro.

G.B – E agora durante as Olimpíadas. Sabendo que Los Angeles em 1984 foi o ano que mais gaúchos disputaram uma olimpíada na modalidade de futebol porque o Sport Clube Internacional cedeu o seu time principal a seleção Olímpica? Eu gostaria que você comentasse como isso aconteceu. De que maneira? Que contexto? Quem decidiu?

J.B – Foi convocado uma seleção brasileira no qual na época participavam o Taffarel<sup>3</sup>, eu e outros jogadores. No momento não me recordo e não sei até te explicar o porquê que essa seleção brasileira foi desmanchada, porque a primeira convocação, a apresentação foi feita no Espírito Santo. Nós passamos um período, um treinamento no Espírito Santo, recebíamos folgas, no retorno a gente já ia para um outro estado que foi São Paulo e participamos da metade da preparação em São Paulo; retornamos fomos a Curitiba e faltando pouco tempo para a gente embarcar para ir para os Estados Unidos para participar, eu não sei o porquê vários jogadores foram dispensados e a CBF resolveu a escolher o melhor clube ranqueado na época para representar o Brasil. E nós tivemos a felicidade de estarmos na frente no ranking e o restante dessa preparação da seleção brasileira foi feita aqui no Beira-Rio, foi feita no Rio Grande do Sul até o embarque para Los Angeles, sendo que a maior parte do grupo era do Internacional. Eu acho que somente quatro ou cinco jogadores é que seriam de outros clubes, que foi um lateral direito, um zagueiro, o meio campo e um atacante. De dezoito jogadores que embarcaram para os Estados Unidos somente quatro não foram do grupo do Internacional e participaram junto lá nessa campanha que a gente conseguiu a medalha de prata.

C.M – E a comissão técnica também era do Inter?

J.B – Não, somente o preparador físico que foi de auxiliar da preparação física e viajou junto com a gente. Infelizmente ele não chegou a ir a Los Angeles porque tinha um número determinado de componentes para ir para o futebol e ele não teve essa condição. A

comissão técnica era toda da CBF, tanto o pessoal do departamento médico, o pessoal diretamente do futebol... A CBF convocou esse grupo, mas como a CBF convidou o Internacional, o Internacional também ofereceu a comissão inteira para ir, só que essa comissão do Inter que na época era o Otacílio Gonçalves da Silva Júnior, mais conhecido como Chapinha, era o treinador e eu não me recordo o nome do preparador físico... Eles não quiseram participar diretamente da comissão da CBF, mas o preparador físico se interessou e gostaria de ir, só que, infelizmente, pelo número de componentes ele não teve essa condição de ir participar da comissão técnica da CBF.

G.B – E o Internacional incentivou essa convocação? Qual foi a rotina de treinamento olímpica?

J.B – O Internacional... por uma década de 1950 ou 1940 ele já tinha representado o Brasil no Pan-Americano, então para o Internacional já era normal ceder seus atletas, seus profissionais para representar o país em competições internacionais. Então, prontamente, quando recebeu o convite aceitou e ofereceu toda a instalação do Beira-Rio... Toda a logística do Beira-Rio foi oferecida para CBF e eles usaram. Nós usamos sala de musculação, departamento médico, campos de treinamento, campo principal, toda estrutura que envolve o Sport Clube Internacional a CBF usou e a nossa rotina era de concentração aqui dentro do Beira-Rio porque na época existiam os apartamentos para que a gente pudesse concentrar. Então a CBF usou os apartamentos, usou cozinha, usou toda estrutura possível para que a gente terminasse aquele período curto até a estreia na Olimpíada, para que a gente terminasse a preparação.

G.B – E qual o sentimento de participar da seleção histórica em 1984? Pela primeira vez o Brasil conquistou a medalha de prata no futebol. Eu gostaria que comentasse como é que foi a competição? E quais as experiências que você extrai das Olimpíadas de Los Angeles?

J.B – Para mim eu já tinha um foco, já tinha concentração que eu iria participar de uma competição muito importante, uma competição no qual todo jogador gostaria de participar. Todos! Se a gente questionar qualquer jogador profissional, ele gostaria de participar do Mundial representando o Brasil e de uma Olimpíada. Então tive essa condição de participar

---

<sup>3</sup> Cláudio André Mergen Taffarel.



de uma Olimpíada representando meu país. Para mim é, apesar de estar longe de família e de abrir mão de várias outras coisas, eu optei por concentração, preparação e a participação em uma Olimpíada. A partir do momento que a gente embarcou no Rio de Janeiro sabendo que nós íamos representar o país, uma emoção é diferenciada, não tem como tu te explicar isso. E a gente percebeu mesmo que estava dentro daquele contexto a partir do momento que a gente desfilou a bandeira do Brasil. Ela estava na nossa frente, o grupo que estava reunido ali era de todas as modalidades possíveis, não era só o futebol. Você encontrava jogador de basquete, de natação, de vôlei, todo mundo junto. O grupo começou a se misturar a gente perdeu alguns amigos naquele momento e o estádio com mais de cem mil pessoas, então, a emoção foi muito grande. Só quem esteve lá mesmo para sentir o que um atleta olímpico poderia sentir no momento.

G.B – Gostaria que tu falasse mais um pouco de como foi a competição? O que tu achou dos jogos, quais o jogos mais difíceis, quais adversários?

J.B – A partir do momento que a gente chegou em Los Angeles a gente ficou alojado na UCLA Universidade Católica de Los Angeles, então, a gente estava acostumado a uma rotina normal. Nos concentrávamos ou em hotel ou aqui dentro do Beira-Rio e dentro da universidade a gente estava tudo misturado. A gente tinha um quarto que dormiam quatro atletas por quarto mais um prédio inteiro para todas as modalidades possíveis que o Brasil conseguiu levar atletas. Então a gente teve aquele convívio com várias modalidades, teve um conhecimento, uma passagem de experiência com outros atletas só dentro daquele prédio. E dentro da Vila Olímpica existiam vários países, a gente procurava dentro de gesto, dentro do pouco que a gente entendia, a gente procurava um entrosamento, uma interação com outros países para que a gente tivesse essa condição de participar e conhecer um outro tipo de cultura. Então a partir daí a gente já viu o que é participar de uma Olimpíada. O momento que a gente foi realmente estrear, fomos para dentro do campo, nós tivemos uma facilidade enorme que todos queriam saber por que a seleção brasileira era diferenciada das outras e a gente tinha que explicar através de entrevistas, através de outros atletas de outros países que um clube brasileiro estava representando o país naquele momento. Então por isso do entrosamento, da amizade e do diferencial daquela seleção para o restante das outras. Durante os confrontos a gente tinha uma facilidade enorme de

vencer as partidas até a final muito em função disso do entrosamento, da amizade e do conhecimento dos atletas.

G.B – E tu já citaste um pouco, mas eu queria só que tu falasse de novo sobre as instalações. Como era a infraestrutura e se teve algo que te marcou como transporte, alimentação e segurança?

J.B – Tudo. Nós chegamos dentro da universidade e... A partir do momento que nós saímos do aeroporto, o deslocamento até a universidade a gente foi conduzido pela SWAT<sup>4</sup>, então, eram helicópteros por cima, batedores com moto e carro. A gente tinha a oportunidade de ver aquilo somente através da televisão, então, a partir do momento que a gente saiu do aeroporto já teve aquele impacto de segurança e a gente já viu que era bem diferenciado. Chegando na universidade, como uma nossa aqui, são prédios normais de aula. Normais no qual eles transformaram em alojamento e as equipes, cada um dentro da sua modalidade, eram divididas naqueles quartos e dentro dessa Vila Olímpica existia um restaurante que era vinte e quatro horas com comidas e cozinheiros de todo o mundo porque ali tinha gente da Europa, da Ásia, da América. As comidas que a gente nunca teve a oportunidade de experimentar, de olhar, existiam ali vinte e quatro horas, então, poderia comer o que tu quisesse a qualquer hora do dia e da noite. Essas foram algumas coisas que marcaram. A questão do transporte, era um ônibus normal de linha mas com a segurança da SWAT dentro do ônibus e nas laterais do ônibus, na frente e sempre aquele helicóptero conduzindo não só a equipe de futebol, não só a delegação brasileira, mas todas as delegações mundiais eram conduzidas dessa maneira.

G.B – E você chegou a participar da Cerimônia de Abertura e de Encerramento?

J.B – O Encerramento eu não sei te dizer se hoje eles fazem assim, mas eles selecionam alguns atletas finalistas de cada competição para que fiquem lá e participem do encerramento. Conforme a modalidade vai sendo eliminada eles pegam e retornam para o país, mas nós não tivemos essa oportunidade de participar. Não sei te dizer o porquê, talvez pela cidade ou o local onde foi feito o Encerramento. Eu não sei te explicar o porquê do futebol... Eu não participei do Encerramento, somente da Abertura.

C.M – Todos os jogos foram em Los Angeles?

J.B – Não. Nós tivemos jogos em Los Angeles no Rose Bowl, em Pasadena, o estádio que era para futebol americano e em São Francisco também no estádio de futebol americano que foi adaptado para futebol, para o nosso futebol tradicional. Foram essas duas cidades em que o Brasil teve a oportunidade de disputar jogos.

G.B – Pinga tu chegou a ter alguma experiência negativa?

J.B – Nenhuma. O que eu mais senti é que era um atleta muito novo; tive que sair da minha casa, sair do meu convívio profissional que era Porto Alegre, Beira-Rio, me descolar em preparações em outros lugares do Brasil aonde a seleção ia. Não existia como tem hoje a Granja Comary, a gente tinha que ir para estados diferentes fazer essa preparação e que eu realmente eu senti muito foi a saudade da minha família porque lá o ambiente que a gente encontrou lá, línguas diferentes, pessoas diferentes... O contato com essas pessoas dificultou bastante o entrosamento com outras pessoas e a cada dia que passava a gente sentia muito essa saudade dessa rotina e principalmente da minha família.

C.M – Vocês sentiram alguma coisa em relação ao boicote dos países soviéticos?

J.B – Não. Não porque como foi novidade para todo mundo, falando somente do lado do futebol, então, tudo no país americano foi novidade para nós. Inclusive os passeios que a gente fez lá era tudo novidade, então, a preocupação que a gente tinha era recuperação de cansaço de jogos, descanso, alimentação e a competição. Então a gente não se envolvia muito no restante do que estava envolvendo a Olimpíada.

G.B – Bom Pinga, sobre os Jogos Olímpicos tem mais alguma coisa que a gente não te perguntou que tu queira deixar registrado?

J.B – Eu acho que a organização do evento desses é diferenciada. Os locais de competições que a gente teve a oportunidade de visitar e até mesmo os estádios em que a gente jogou

---

<sup>4</sup> Unidade da polícia americana.

foram diferenciados, porque a gente dentro do país, a gente está acostumado... Hoje graças a Deus está bem diferente as condições de treinamento e de jogos, mas a organização, a segurança, o convívio com outros países, com outras modalidades... Isso por ser uma novidade e por a gente ter uma expectativa muito grande do que ia acontecer lá, acho que marcou bastante.

G.B – Pinga, como foi a repercussão dos Jogos Olímpicos na sua carreira?

J.B – Por eu ser um jogador muito jovem ainda e não ter um conhecimento muito grande dentro do cenário nacional, a gente ficou marcado como o grupo que ganhou uma medalha olímpica. Então você é chamado e era cumprimentado como medalhista olímpico, então, a gente recebeu várias homenagens no Rio Grande do Sul, no país, sempre como o grupo medalhista, um grupo que ganhou, que teve a oportunidade de disputar uma medalha de ouro e não foi feliz, mas foi medalhista olímpico. Então o que marcou muito também foi isso.

G.B – A repercussão dos Jogos Olímpicos de Los Angeles para o Rio Grande do Sul?

J.B – Em primeiro lugar a gente estava representando o país, em segundo lugar a gente estava representando um estado e em terceiro lugar a gente estava representando o Internacional. A gente tinha essa responsabilidade de representar muito bem o nosso clube porque foi um clube escolhido entre vários outros do mesmo nível do Internacional. O Rio Grande do Sul, por o Internacional estar aqui, então um clube gaúcho, jogadores gaúchos, iriam representar o país em uma Olimpíada e teriam que representar muito bem esse país e principalmente o Estado.

C.M – Me desculpa mas eu vou voltar um pouquinho... Na época, porque a Olimpíada é bem no meio do ano, esta convocação não pegou nenhuma competição que o Inter estava disputando?

J.B – Era final de campeonato gaúcho porque antes... Hoje já é bem diferente, antes nós disputávamos as competições regionais. Nós estávamos em final de campeonato gaúcho e

depois viria a competição nacional, então, foi nesse intervalo de uma competição e outra que a gente teve.

C.M – Isso não atrapalhou a preparação para a competição nacional?

J.B – Não porque o Internacional, por ele estar nesse intervalo, ele teve uma excursão para o Japão também se não me engano foi Japão ou Espanha, uma Copa Kirin<sup>5</sup> que o Internacional participou na época.

G.B. – Japão.

J.B. – Então o grupo saiu pra participar dessa excursão e eu fui convocado pra seleção brasileira e não teve dentro desse intervalo aí, não teve como atrapalhar a preparação.

G.B – Pinga, depois você continuou sua carreira profissional como jogador de futebol. Em quais clubes que atuou e atualmente qual é a sua profissão?

J.B – Eu, por recém ter começado minha carreira como jogador profissional, eu joguei durante dez anos só no profissional do Internacional, mas nesses dez anos eu tive a infelicidade de ter uma lesão que foi bem complicada e eu fiquei um tempo parado. Mas aos vinte nove anos eu consegui essa recuperação e disputei campeonatos gaúchos, fui campeão. Disputei Copa do Brasil que a gente se sagrou campeão, disputei campeonato brasileiro, fui convocado novamente para uma preparação para a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1994 que também foi disputada nos Estados Unidos, só não tive essa condição de ir para lá. Só participei de uma convocação em um jogo aqui no Beira-Rio contra a Alemanha. Em 1993 a gente teve a participação de uma Copa Libertadores e no final dessa Copa o Inter me vendeu para o Corinthians<sup>6</sup>. De 1993 a 1996 eu participei do Corinthians onde disputei campeonato paulista, tive a oportunidade de ser campeão da Copa do Brasil novamente lá e disputar campeonatos brasileiros. De 1996 a 2000 eu joguei no estado do Rio de Janeiro, joguei no interior de São Paulo, tive a oportunidade de jogar aqui no interior do nosso gaúcho em Pelotas, tive também a oportunidade de jogar no São

---

<sup>5</sup> Realizada no Japão entre maio e junho de 1984 teve o Sport Clube Internacional como vencedor.

<sup>6</sup> Sport Club Corinthians Paulista.

José<sup>7</sup> que é essa equipe de Porto Alegre, é joguei em Belém do Pará no Paysandu<sup>8</sup> e encerrei minha carreira no Madureira<sup>9</sup> no Rio de Janeiro no ano de 2000.

G.B – E atualmente?

J.B. – Hoje eu sou funcionário do Inter. Tive a participação na campanha para presidente do Internacional do Fernando Carvalho<sup>10</sup> em 2001 onde o grupo de ex-atletas participou dessa campanha. A gente viajava para o interior fazendo essa campanha para presidência e eu fui convidado a participar. Antes dele ser presidente do clube ele perguntou para nós que estávamos participando com ele nessa campanha se alguém gostaria de ser funcionário do Internacional e eu falei que sim, que a minha ideia era continuar dentro do futebol, ser treinador de futebol e ele mandou que eu me preparasse para que eu trabalhasse com as categorias de base do Internacional. A partir desse momento fiz cursos de treinadores aqui e no Rio de Janeiro me preparando para ser treinador de futebol. De 2001 até 2005 fui auxiliar técnico da base do Internacional; comecei no infantil e do infantil fui para o júnior, do júnior juvenil. Em 2005 eu fui convidado a participar do setor de avaliação técnica do Internacional. Há muito tempo atrás esse setor era conhecido, as pessoas que trabalhavam ali como olheiro, eles saíam se deslocavam e procuravam novos talentos para trazer para o Internacional e hoje não. Hoje esse setor é conhecido como avaliador técnico, é um setor que se chama avaliação técnica e os funcionários são os avaliadores técnicos. Então até janeiro desse ano eu participava desse setor, saía em competições no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e principalmente São Paulo para tentar descobrir novos talentos e convidar esses jovens talentos a vir para o Beira-Rio terminar essa formação na base do Inter para se tornar profissional. Em janeiro desse ano eu recebi o convite para participar do setor de comunicação social do clube. É um setor no qual a gente participa muito de eventos consulares, em cada lugar existe um cônsul que ele é o representante oficial do Internacional nessas cidades e ele tem por objetivo arrecadar um número maior de sócios e organizar essa associação dentro da sua cidade para representar o clube, então, existe a participação de vários ex-jogadores que são contratados, são funcionários do clube que tem essa obrigação de sair do Beira-Rio participar desses eventos, incentivar esses torcedores

---

<sup>7</sup> Esporte Clube São José.

<sup>8</sup> Paysandu Sport Club.

<sup>9</sup> Madureira Esporte Clube.

<sup>10</sup> Fernando Chagas Carvalho Neto.

que ainda não são sócio a se associar no Internacional. Então hoje a minha função é bem diferenciada daquela que eu comecei a exercer aqui no clube e pretendo ficar aqui até não conseguir mais viajar porque está no sentimento, está no coração esse clube já que eu tive essa oportunidade de ser profissional como jogador, torcedor e hoje ser um profissional numa área administrativa. Eu gostaria de ficar o resto da vida dentro dessa função.

G.B – Bom queria agradecer imensamente essa entrevista estou finalizando a entrevista com Jorge Luís da Silva Brum famoso “Pinga”, Muito Obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]